

<p>Texto I</p> <p>Lira II</p> <p>Esprema a vil calúnia muito embora Entre as mãos denegridas e insolentes, Os venenos das plantas, E das bravas serpentes;</p> <p>Chovam raios e raios, no meu rosto Não há de ver, Marília, o medo escrito, O medo perturbador, Que infunde o vil delíto.</p> <p>[...]</p> <p>Porém se os justos Céus, por fins ocultos, Em tão tirano mal me não socorrem; Verás então, que os sábios, Bem como vivem, morrem.</p> <p>Eu tenho um coração maior que o mundo! Tu, formosa Marília, bem o sabes: Um coração, e basta, Onde tu mesma cabes.</p> <p>GONZAGA, Tomás Antônio. <i>Marília de Dirceu</i>. In: PROENÇA FILHO, Domicio (org). <i>A Poesia dos Inconfidentes</i>. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 628-629. Adaptado.</p>	<p>Texto II</p> <p>Mundo grande</p> <p>Não, meu coração não é maior que o mundo. É muito menor. Nele não cabem nem as minhas dores. Por isso gosto tanto de me contar. Por isso me dispo, por isso me grito, por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias: preciso de todos.</p> <p>Sim, meu coração é muito pequeno. Só agora vejo que nele não cabem os homens. Os homens estão cá fora, estão na rua. A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava. Mas também a rua não cabe todos os homens. A rua é menor que o mundo. O mundo é grande.</p> <p>Tu sabes como é grande o mundo. Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão. Viste as diferentes cores dos homens, as diferentes dores dos homens, sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso num só peito de homem... sem que ele estale.</p> <p>[...]</p> <p>ANDRADE, Carlos Drummond de. <i>Sentimento do mundo</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 45. Adaptado.</p>
--	--

Questão 1 - Observe que Carlos Drummond de Andrade recupera a última estrofe de Tomás Antônio Gonzaga em seu poema. Considerando a relação intertextual entre os textos I e II, explique, sem transcrever qualquer trecho do poema, por que Gonzaga julga seu coração “maior do que o mundo”.

Limite sua resposta ao espaço abaixo:

No texto I, Gonzaga julga seu coração “maior do que o mundo” porque o sentimento amoroso idealizado na figura de Marília vai além das injustiças do mundo. Há a supervalorização do amor e do protagonismo feminino. Já no texto II, o poeta reconhece as limitações do eu lírico diante dos problemas da vida. Para se vencer os obstáculos, uma visão coletiva e não individualista deve prevalecer.

Questão 2 - Ambos os poemas trazem uma segunda pessoa, “tu”, para quem os eus-líricos confessam suas angústias. No caso de Carlos Drummond de Andrade, estas angústias também se revelam quanto ao próprio processo da escrita. Copie do texto II apenas um verso em que se faz clara essa referência metalinguística, explicando, com suas palavras, de acordo com o contexto apresentado, o motivo da angústia.

Limite sua resposta ao espaço abaixo:

Esperava-se que o candidato copiasse do texto de Carlos Drummond de Andrade apenas um verso com clara referência metalinguística. Foram aceitos os seguintes versos:

“Por isso gosto tanto de me contar” OU

“Por isso me dispo” OU

“por isso me grito” OU

“por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:”

Essa parte teve o valor de 2,5 pontos.

Na segunda parte da questão, para a qual foram atribuídos os outros 2,5 pontos, esperava-se que o candidato mencionasse que o eu-lírico tem consciência das mazelas e dores do mundo, e que sua angústia vem do sentimento de incapacidade perante os sofrimentos e injustiças dos homens, que ele considera maiores do que o seu coração.

Questão 3 - A partir da comparação entre os dois poemas, e considerando que o coração é metáfora para o sentimento amoroso, identifique qual o objeto de amor do poeta, tanto na Lira de Tomás Antonio Gonzaga (Texto I), quanto no poema de Carlos Drummond de Andrade (Texto II).

Limite sua resposta ao espaço abaixo:

O objeto de amor do poema de Tomás Antônio Gonzaga é Marília, a mulher que o eu-lírico ama. Já no poema de Carlos Drummond de Andrade, o objeto de amor é todo o mundo e suas dores, que seu coração, pequeno, não suporta.

Texto III

Soneto 168

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza;
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora;

O tempo busca e acaba o onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza;
Mas não pode acabar minha tristeza,
Enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro
E o mais ledo prazer em choro triste;
O tempo, a tempestade em grão bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste
A pena e o prazer desta esperança.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p. 545.

Questão 4 - Explique em que consiste a “esperança” do eu-lírico, mencionada no último verso do “Soneto 168”, de Camões (Texto III).

Limite sua resposta ao espaço abaixo:

A esperança mencionada no texto consiste na crença do eu-lírico de que, no futuro, sua amada corresponda ao seu amor. Segundo ele, a passagem do tempo, que é capaz de alterar o estado das coisas mundanas, será também responsável por abrandar a dureza do coração da sua Senhora e por promover a reciprocidade de seu sentimento.

Questão 5 - A posição da mulher em relação ao eu-lírico, no “Soneto 168”, de Camões (Texto III), baseia-se em uma tradição poética que também encontra ecos no Romantismo. Explique, com base nessa afirmação, como a figura feminina é retratada no Texto III.

Limite sua resposta ao espaço abaixo:

De acordo com a tradição poética do classicismo português, o poema retrata a figura feminina de forma idealizada e distante, segundo as convenções do amor cortês, que coloca o eu-lírico em posição servil.